

A RESSONÂNCIA DO TURISMO EM LISBOA

DANIEL PAIVA
E IÑIGO SÁNCHEZ



A RESSONÂNCIA DO TURISMO EM LISBOA

DANIEL PAIVA
E IÑIGO SÁNCHEZ¹

É interessante que o atual processo de turistificação de Lisboa tenha sido comparado ao terramoto de 1755 porque o evento sísmico tem uma dimensão sonora importante². Para além de destruição, as vibrações dos terremotos produzem ondas sonoras na atmosfera que são audíveis durante ou imediatamente antes do evento³. O som que é produzido é frequentemente descrito como um rugido, um trovão, ou uma

explosão⁴. Uma parte significativa destas ondas sonoras estão abaixo do limite de audição humana, mas muitas espécies de animais são capazes de as captar, o que tem levado cientistas a tentar compreender como a percepção dos animais pode ser usada para prever sismos, até hoje com sucesso muito limitado⁵.

Estendendo a metáfora do terramoto à sua dimensão sonora, podemos imaginar como o som poderá ser um instrumento para abordar o processo de turistificação em Lisboa, cuja força disruptiva é sentida de forma desigual nas diferentes camadas sobre as quais assenta

a vida urbana da cidade. Que novas possibilidades para pensar nos oferece o som? Um ponto de partida para responder a esta questão pode ser o trabalho de Veit Erlmann⁶ sobre ressonância.

Erlmann contesta a ideia de que a racionalidade moderna tem sido unicamente substanciada pela ideia de reflexão, e apresenta a ressonância como uma metáfora alternativa para o raciocínio. A reflexão é a metáfora básica para o pensamento que fundamenta o racionalismo cartesiano, no qual o conhecimento racional advém da mente que pensa, uma entidade separada do corpo sensorial que pode ser enganado por sensações e emo-

¹ - INET-MD, faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. A investigação conducente a este capítulo é financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, através do projeto *Sounding Lisbon as Tourist City: Sound, Tourism and the Sustainability of Urban Ambiances in the Post-industrial City* (PTDC/ART-PER/32417/2017).

² - Left Hand Rotation. (2016). *Terramotourism*. Disponível em: <https://vimeo.com/191797954>

³ - Michael, A. (2011) *Earthquake Sounds*. In: Gupta, H. (ed.) *Encyclopedia of Solid Earth Geophysics*. Londres: Springer. doi: 10.1007/978-90-481-8702-7

⁴ - Tosi, P., De Rubeis, V., Tertulliani, A. & Gasparini, C. (2000). Spatial patterns of earthquake sounds and seismic source geometry. *Geophysical Research Letters*, 27 (17), 2749-2752.

⁵ - Woith, H., Petersen, G., Hainzl, S. & Dahm, T. (2018) Review: Can Animals Predict Earthquakes? *Bulletin of the Seismological Society of America*, 108 (3A), 1031-1045.

⁶ - Erlmann, V. (2010). *Reason and Resonance: A History of Modern Aurality*. Brooklyn: Zone Books.

ções. Na metáfora da reflexão, “tal como o espelho reflete as ondas de luz sem que a sua própria substância seja afetada, a mente representa o mundo exterior enquanto ao mesmo tempo se mantém separada dele”.⁷ Neste sentido, a reflexão estabelece uma separação absoluta entre sujeito e objeto, entre aquele que percebe e aquilo que é percebido.

O conhecimento então torna-se objetivo, porque se foca nas propriedades dos objetos, sem a parcialidade do observador. Ao mesmo tempo, o conhecimento racional objetivo é associado à visão.

Por outro lado, a ressonância é o absoluto oposto da reflexão, pois nenhum limite é estabelecido entre quem percebe e aquilo que é percebido. A ressonância implica a conjunção de sujeitos e objetos através de uma sensação, afeto, ou experiência partilhada. Este modo de entender o pensamento tem sido frequentemente descrito como uma característica de culturas orais pré-modernas ou não-Ocidentais, mas Erlmann contesta a ideia de que a razão moderna é exclusivamente ancorada na reflexão e no pensamento visual, e apresenta uma história da presença da metáfora da ressonância na filosofia moderna, desde o período Romântico à fenomenologia contemporânea.

7 - Erlmann, 2010, p. 9.

[1]

Movimento de consumidores e turistas na Rua Garrett, Chiado. Fonte: autores.

Estudar a turistificação de Lisboa de um modo ressonante implica então perceber os múltiplos ecos que este processo tem provocado. Implica ir para além dos estudos focados no olhar do turista⁸, mas também requer não nos contentarmos com dirigir esse foco apenas para o ouvido do turista⁹.

O campo florescente das geografias sónicas¹⁰ tem tornado evidente a multiplicidade de abordagens possíveis ao som e o modo como o som nos desvenda coisas que não nos são acessíveis através dos outros instrumentos de observação que temos ao nosso dispor. O som emerge de todos os corpos humanos e não humanos,

8 - Urry, J. (1990). *The tourist gaze*. Londres: SAGE.

9 - Waitt, G. & Duffy, M. (2010) Listening and tourism studies. *Annals of Tourism Research*, 37(2), 457-477.

10 - Paiva, D. (2018). Sonic geographies: Themes, concepts, and deaf spots. *Geography Compass*, 12(7), e12375.





[2]

Selficação do Miradouro de Santa Luzia, Alfama. Fonte: autores.

todos os materiais terrestres e atmosféricos, todos os objetos, máquinas, e outras tecnologias, e ressoa em todos estes. O som transmite diversas formas de conhecimento ambiental, desde formas representacionais como discursos e sinais, a formas não-representacionais como afetos e emoções. Deste modo, o som abre um espaço de emergência, comunicação, contacto e, consequentemente, diferença. É assim, também, um campo disputado, e uma maior atenção ao potencial político do espaço sonoro oferece oportunidades interessantes para abordar questões complexas como a turistificação da cidade.

O turismo é hoje um hiper-objeto. Timothy Morton¹¹ definiu os hiper-objetos como as coisas que estão tão massivamente distribuídas no tempo e no espaço que não podem ser compreendidos se estudados a partir de uma única localização. Apesar de transcenderem a localização, os hiper-objetos são viscosos, e aderem a qualquer outra coisa com que entram em contacto. Eles formam ligações com todos os outros objetos, e é apenas através da sua ação nos outros objetos que podemos compreender a dimensão de um hiper-objeto. O aquecimento global e a radioatividade são hiper-objetos, e o turismo também.

¹¹ - Morton, T. (2013). *Hyperobjects: Philosophy and Ecology after the End of the World*. Londres: University Of Minnesota Press.

O turismo enquanto hiper-objeto ressoa em todos os cantos de Lisboa. Ressoa debaixo da terra, no movimento do metropolitano e dos comboios. Ressoa no fundo do estuário do Tejo, com a poluição dos cruzeiros e os infrassons dos seus motores. Ressoa nas ruas, nas lojas, e dentro das habitações, onde ecoa o burburinho dos turistas. Ressoa na atmosfera, com o voo rasante dos aviões que chegam e partem. Abordar a ressonância deste hiper-objeto é um meio privilegiado para compreender os múltiplos impactos que tem na paisagem lisboeta não só em termos da ecologia acústica, mas também a nível financeiro, comercial, habitacional, social, político, e urbanístico.

Neste sentido, é importante não apenas escutar, mas também atender à multiplicidade de seres que ouvem e produzem sonoridades no processo de turistificação da cidade. Importa compilar estas escutas e estas sonoridades, e mapeá-las, permitindo que elas desvendem as diversas facetas deste fenómeno, entrem em diálogo e, com alguma sorte, descubram uma possível coabitação.

